

## Anotações para uma arqueologia de processos de publicação científica: o caso da editora Mandruvá-Cemoroc<sup>1</sup>

Roseli Fischmann<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo discute a relação entre a expansão das oportunidades para publicar textos científicos, mediante o acesso à internet, impactando a publicação de resultados científicos, assim como sua difusão e debate. Estuda, de modo exploratório, o caso dos periódicos da Mandruvá-Cemoroc, ressaltando como esse projeto editorial potencializou, com alto impacto, o uso do suporte digital e da Rede tão logo se apresentou o novo contexto da relação entre tecnologias e informação.

**Palavras Chave:** publicações científicas; publicação eletrônica; Cemoroc.

**Abstract:** This article discusses the relation between the expansion of opportunities to publish scientific texts, by accessing the Internet, impacting the publication of scientific results as much as their diffusion and debate. It presents an exploratory study of the case Mandruvá-Cemoroc periodicals, emphasizing how and how much that editorial initiative improved the use of the digital support and the Internet as soon as presented the new context of the relations between technology and information, getting high impact with that.

**Keywords:** scientific publications; electronic publications; Cemoroc.

### Introdução

Preliminarmente, gostaria de parabenizar o pessoal envolvido nas publicações do Cemoroc, a todos e todas oferecendo meus cumprimentos nas pessoas dos professores e editores Jean Lauand e Sylvio Horta, acadêmicos respeitados a quem tenho o privilégio de ter como amigos, e a quem a longa convivência me faz dedicar um especial afeto.

É mesmo motivo de celebração que uma publicação acadêmica possa chegar a 200 números, mantendo qualidade e regularidade (ou seja, merecendo suas publicações o nome de “periódico”), em 15 anos de existência. Sinto-me feliz e humildemente orgulhosa de ser parte dessa história, colaborando como autora, integrando corpo editorial de algumas dessas revistas ou edições, servindo como avaliadora de propostas de artigos.

Quando convidada a propor uma colaboração para este número especial comemorativo, pareceu-me que valeria a pena fazer uma narrativa analítica, contextualizando aspectos do marco de publicações que é essa uma década e meia, tempo de muitas transformações. Pelo impacto marcante da passagem das publicações científicas do suporte em papel e tinta para o meio digital, uma característica das publicações da Mandruvá-Cemoroc, pareceu-me que há um quê de arqueologia, à Foucault, nesse estudo aqui oferecido. Seria impróprio falar de “arqueologia” para um período de 15 anos?

Assim, este artigo procura oferecer uma discussão introdutória sobre algumas questões ligadas aos processos de publicação científica, em particular no campo das

---

<sup>1</sup> Este artigo inclui resultados parciais de projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, processo n. 312013/2009-4.

<sup>2</sup> Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, Pesquisadora do CNPq e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP. Email: roseli.fischmann@pq.cnpq.br

Ciências Humanas e Sociais, habitat acadêmico da autora. O foco é a relação entre a expansão das oportunidades para publicar resultados de pesquisas científicas, e o suporte utilizado para apresentar a publicação. Considera, assim, a transformação profunda por que passou todo o processo de informação e comunicação em razão da democratização do acesso à internet, impactando a publicação de resultados científicos e a conseqüente possibilidade de leitura, conhecimento, difusão e debate dos mesmos resultados. Estuda o caso dos periódicos da Mandruvá-Cemoroc, procurando ressaltar o relevante papel que a iniciativa tem desempenhado.

### **Publicações científicas: saber e poder**

Recentemente foi publicada a edição comemorativa de cinquenta anos da obra *Estrutura das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn (2012). No ensaio introdutório, Ian Hacking acentua o papel de marco transformador que teve essa obra. Mais comumente referido como o autor que trouxe à luz o conceito de paradigma, como utilizado atualmente e, em especial, como o mobilizador de revolução na ciência, o trabalho de Kuhn efetuou um debate não apenas inovador, mas também ousado, uma vez que propôs questões que não eram, então, encaradas pelos cientistas.

Um dos aspectos relevantes de sua obra, que tem relação direta com esse artigo, trata do papel das publicações na formação dos cientistas e na reprodução de grupos ligados a teorias. Inicialmente Kuhn recorda que, por exemplo, no tempo das descobertas de Copérnico, havia dificuldade de comunicação entre os cientistas pela ausência da imprensa, o que dificultava também o debate.

Posteriormente, lembra Kuhn, com a possibilidade de contar com a imprensa, a situação da publicação de resultados das investigações científicas veio a manter-se aproximadamente a mesma entre o final do século dezanove e o momento de sua análise, o da publicação de seu próprio livro, em 1962. O que destaca, é como a publicação de manuais, voltados para manter e expandir teorias e grupos em torno delas, assumia papel central na reprodução da teoria e na formação de novos membros do respectivo grupo. Ou seja, a possibilidade de inovação e mudança paradigmática acabava por ser dificultada pelas resistências presentes nesses grupos marcados por endogenia quanto à constituição; mais ainda, como afirma Kuhn, importantes achados eram tratados como se fosse apenas um acréscimo à teoria já existente.

Esses fatores ligados a facilidades ou obstáculos ligados à publicação (como a invenção da imprensa ou a dificuldade de circulação das publicações pela distância geográfica entre pesquisadores) interferiam no debate científico tanto quanto a tendência dos grupos vinculados a diferentes teorias dificultarem, entre si, o reconhecimento mútuo. A dificuldade de encontrar espaço para publicar, no que eram os periódicos de então, ou mesmo em livros, acompanhava a dificuldade de reconhecimento, havendo grupos de interesse à frente dos diferentes órgãos editoriais – e essa característica restritiva ao avanço científico foi apontada por Kuhn.

É relevante analisar alguns aspectos que podem decorrer desse tipo de restrição. Em artigo anterior (FISCHMANN, 2008), debatendo a relação de ciência e religião com o Estado, o tema do fazer científico foi afirmado como próprio da esfera pública:

Assim é porque sempre dependerá de cooperação e debate, por valer-se de uma lógica que entende a busca da verdade como busca perene que se reforma a cada nova descoberta. Essas descobertas, por sua vez, serão possibilitadas pelo uso sistemático da indagação aos fatos, do questionamento ao que se afirma e da crítica entendida como inerente à

razão humana, ao invés da adesão mera e simples ao que se apresenta como dado e resolvido. Portanto, lida com o contingente provável, a comprovar ou comprovado. É um campo em que os argumentos e as hipóteses deverão apresentar-se como da ordem do aceitável, plausível, presumível, provável, e que utilizará termos como inaceitável, implausível, impresumível, improvável, sem dificuldade, simplesmente porque é da lógica da ciência aceitar ou rejeitar propostas candidatas a teoria, a depender dos argumentos apresentados. (FISCHMANN, 2008, p.47).

Assim, a lógica utilizada pelo mundo científico é a da cooperação e do debate, buscando aproximações da verdade pelo escrutínio das ideias. Sendo obra de mãos humanas, em constante revisão, deve posicionar-se frente à sociedade como um todo de modo respeitoso e prestando contas de seus achados. Vale lembrar que o artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece:

1. Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e participar do progresso científico e de seus benefícios.
2. Toda pessoa tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Ou seja,

“o progresso científico é tratado como parte do bem público, que a todos deve ser dado como direito participar. O sentido desse direito resulta do reconhecimento de que a ciência é produção coletiva, humana, de cunho público, que deve retornar a todos, pois é de todos que, de certa forma, advém. Ao mesmo tempo, como a Declaração todo o tempo volta-se também para a proteção individual, inclui o tema da proteção da autoria, que tem sido hoje debatido como referente à propriedade intelectual.” (FISCHMANN, 2008, p.48).

As dificuldades editoriais que o Brasil vivia, incluem, por exemplo, uma recorrente denegação da pluralidade humana existente no país, com raras (e nem sempre honrosas) exceções. Textos clássicos relativos ao tema do racismo e da discriminação, como os textos de Adorno (1950) e Allport (1954), não foram traduzidos no Brasil, enquanto ganhavam o mundo acadêmico internacional com um debate consistente sobre o racismo. Suas principais publicações ganharam edições comemorativas de cinquenta anos, com colóquios, debates, etc. No Brasil, a publicação e, depois, a celebração, passaram em branco.

No que se refere a dificuldades de diálogo entre setores acadêmicos e movimentos sociais que se amparam em pensadores aqui pouco divulgados, vale lembrar, como exemplo notável, que:

Com relação às questões sobre os afrodescendentes, faltam conhecimentos acerca de autores que têm servido de base para a reflexão das lideranças dos movimentos negros e para reivindicações que trazem novas demandas com o objetivo de fazer efetivamente do Brasil uma democracia. Autores negros clássicos como Frantz Fanon, Leopold Sendar Senghor e William Edward Burghardt DuBois, assim

como pensadores modernos que seguem a trilha aberta em direção a novas reflexões, como Cornel West e Paul Gilroy, são em geral desconhecidos de pesquisadores brasileiros dedicados à educação. (FISCHMANN, 2005, p. 53).

Exemplos não faltam do padrão que se praticava no Brasil, de modo geral, na definição de políticas editoriais, perante as quais muitos pesquisadores acabavam por se ver excluídos de oportunidades de publicação de resultados de suas pesquisas. Além disso, eram outros tempos, e muitas vezes a publicação de um livro relevante transformava-se na “obra da vida” daquele pesquisador, sem ulteriores desenvolvimentos. Contudo, assim como mudou na comunidade científica internacional, o padrão mudou também no Brasil.

### **Uma abordagem arqueológica para os processos de publicação científica?**

As reflexões de Thomas Kuhn apresentando as mudanças havidas na ciência em razão das possibilidades relativas à publicação de resultados de pesquisas, quando colocadas frente à realidade gerada pela Internet, compõem a inspiração para, tomando como base a obra de Michel Foucault *A arqueologia do saber*, propor uma arqueologia dos processos de publicação científica. Faria alguma diferença na produção do conhecimento e no avanço da ciência o processo de publicação de resultados de pesquisa? Haveria uma relação entre a “arqueologia do saber” e esses processos?

Ao discutir a diferença entre a história das ideias e sua proposta de arqueologia do saber, Foucault explica que a arqueologia se dirige “ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. (...) Recusa-se a ser alegórica.” (FOUCAULT, p.159). Se o discurso é *monumento*, é nele que se processa a investigação arqueológica foucaultiana. É nesse mesmo sentido que Foucault (p. 169) denomina “discurso-objeto” o material sobre o qual se debruça e pesquisa.

Segundo Foucault, o que a arqueologia busca “não é estabelecer a lista dos santos fundadores”, mas é “revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais ou mesmo predecessores (...). Uma descoberta não é menos regular, do ponto de vista enunciativo, do que o texto que a repete e a difunde (...)”. (FOUCAULT, p.165)

Foucault afirma que a arqueologia deve comparar, trabalhar com interstícios e vazios. A arqueologia (do saber) “é um emaranhado de interpositividades sujeitos limites e pontos de cruzamento não podem ser fixados de imediato” (FOUCAULT, p.183), não tendo efeito unificador, mas multiplicador. A arqueologia procura identificar também formas específicas de articulação do âmbito discursivo com o não discursivo (FOUCAULT, p.186).

Tendo em conta essas características que Foucault propõe para a arqueologia, parece que o processo de produção das publicações científicas pode integrar esse tipo de investigação. Livros e periódicos poderiam ser considerados, nessa abordagem, como *sítios arqueológicos* nos quais se situam os *monumentos*, da forma como Foucault considera o discurso, conforme referido acima.

Assim como a dificuldade de comunicação entre os então cientistas, antes da invenção da imprensa, como referido por Kuhn, dificultava a possibilidade de debate e escrutínio das ideias, mudanças na tecnologia podem ser consideradas como variáveis intervenientes na produção da escrita. Do uso da pena ao computador, passando pela máquina de escrever mecânica e a elétrica, o processo de produzir textos relativos a resultados de pesquisa passou por transformações que precisam ser consideradas, ainda que o sejam, aqui, em uma perspectiva meramente exploratória.

Mais ainda, o processo de organização de resultados, a criação de bancos de dados, as sistemáticas de análise de resultados, tudo sofre interferência do desenvolvimento tecnológico. O uso de *softwares* para análise de pesquisas qualitativas, como o *Alceste* ou o *NVivo*, ou seja, os chamados *softwares* QDA (*Qualitative Data Analysis*), indica como o estudo e compreensão da presença e desenvolvimento da tecnologia no tratamento de dados e na produção de textos guarda relação com a arqueologia do saber. Seriam esses novos recursos como *sítios arqueológicos*, *artefatos* ou *monumentos*? É preciso que esse estudo e análise possam ser mais desenvolvidos, em projetos futuros, para que se faça uma adequada classificação de como avanços tecnológicos contribuem, ou mesmo determinam, a produção da ciência e do saber. Já em 1998 afirmam Packer e colaboradores:

O uso de computadores no processo da comunicação científica data dos anos 60 e vem crescendo e se aprimorando rapidamente (Lancaster, Hickey), dando um salto quantitativo e qualitativo a partir da segunda metade da década de 80, quando se gesta e se projeta universalmente a ampla receptividade do computador de mesa, corroborado pelo aumento progressivo da sua capacidade de armazenamento e processamento de dados, pelo seu aperfeiçoamento contínuo na estruturação de textos, na manipulação e apresentação de elementos gráficos, assim como na simulação de modelos complexos e, finalmente, pela sua incorporação como estação de comunicação através da sua integração em redes locais e à Internet. É essa combinação de avanços ocorridos no conjunto das tecnologias de informação que tem originado progressivamente novas expectativas, propostas e contribuições em prol da consolidação da publicação eletrônica. (PACKER et alii, p. 110)

Enfatizando, às facilidades da produção de textos científicos mediante recursos eletrônicos contemporâneos, juntou-se a popularização da internet. Ou seja, além do resultado científico consubstanciado, de modo mais ágil, em um trabalho publicável, a internet (e ferramentas a ela associadas) tornou possível a visibilização de resultados de modo antes nunca havido, permitindo a divulgação científica de modo amplo. Retomando o trabalho de 1998 de Packer e colaboradores:

O aparecimento e a rápida universalização da Internet, particularmente a operação continuamente aprimorada de hipertextos através do World Wide Web WWW), foram fatores decisivos em favor da consolidação da publicação eletrônica com crescente identidade própria, e não simplesmente como réplica da versão em papel. Em primeiro lugar, a Internet assegura um meio de publicação rápido e com cobertura universal através de uma interface comum capaz de operar hipertextos com múltiplos suportes de informação, enriquecidos com conexões internas e externas. Em segundo lugar, a constante evolução da Internet sinaliza, para o futuro da publicação eletrônica, uma miríade de novas possibilidades, quase sempre orientadas no sentido de agregar valor ao tempo do leitor, dotando-o com mais iniciativa e interatividade. (PACKER et alii, p. 110)

Com isso, o debate entre cientistas se torna, potencialmente, imediato e envolve, também, a sociedade em geral, uma vez que é disponibilizado de modo irrestrito (mesmo considerando os casos em que se pede uma taxa para acesso, a “credencial” é o pagamento, não qualquer título científico). A ciência se vê, assim, em

um processo no qual a transparência passa a ser parte indissociável de seu trabalho, abrindo oportunidades de questionamentos que advêm não apenas da comunidade científica.

Tratou-se, de fato, de mudança radical, diferenciando a situação na comunidade científica daquela que havia sido vivida por três séculos; essa mudança, contudo, o uso cotidiano, na atualidade, tende a desconsiderar, por isso é relevante lembrar:

Ao mesmo tempo em que a publicação eletrônica se afirma por sua contribuição ao aperfeiçoamento do processo tradicional da publicação científica, surgem perspectivas, propostas e iniciativas propugnando-a como agente de renovação e mudança do modelo dominante de comunicação científica, desenvolvido ao longo dos últimos três séculos (Schafner). Entre outras perspectivas, vislumbra-se a publicação direta do autor na Internet, além da criação e operação de bases de dados de artigos produzidos por comunidades de autores, por exemplo, as formadas por cientistas de uma universidade ou instituto de pesquisa, membros de sociedades científicas e outros. (PACKER et alii, p. 110-111).

Em face das repercussões e impactos da tecnologia, vale lembrar que a arqueologia do processo de produção de publicações científicas pode também ser classificada no que Foucault denominou “outras arqueologias” (FOUCAULT, p.218), trazendo não apenas o elemento epistemológico inerente ao debate científico, mas se dirigindo também à ética e à política.

Seguindo, ainda, o caráter exploratório deste estudo, é apresentado, a seguir, um caso de possibilidade de aprofundamento da investigação sobre essas relações da tecnologia com epistemologia-ética-política, o SciELO. Foi escolhido por seu surgimento ter se dado na mesma época do site da Mandruvá e por seu potencial comparativo para a análise do caso do editorial Mandruvá-Cemoroc. Como ensinou Foucault, é o processo comparativo, como pede o procedimento arqueológico, que será apresentado na próxima seção.

### **Mandruvá-Cemoroc – [www.hottopos.com](http://www.hottopos.com) : um caso exploratório**

Preliminarmente, cabe informar que o caso Mandruvá-Cemoroc refere-se a uma iniciativa editorial, fortemente amparada no meio digital e na internet, que reúne oito revistas diferentes, que reunidas completam, nesta edição, 200 números, publicados em um site único que tem abrigado, em sua proposta simples e operacional, não apenas as revistas, como, no selo “Signatures” obras de autores do porte de Julián Marias, Josef Pieper, Lopéz Quintás, entre outros destacados intelectuais.

O mérito especial reside no fato de que esse site foi criado em 1997 pela Editora Mandruvá, ou mais especificamente, por dois professores cuja amizade e colaboração acadêmica estreita permitiu a empreitada: Jean Lauand e Sylvio Horta. Como visto acima, nessa época a publicação de periódicos eletrônicos era ainda um desafio e um gesto de pioneirismo. Se as facilidades da comunicação digital e eletrônica e sua aplicação em publicações científicas no território da internet representaram uma mudança no quadro dos últimos trezentos anos, como afirmaram outros autores já citados, é preciso, então, colocar em perspectiva os quinze anos de existência da Mandruvá-Cemoroc. Em outras palavras, do ponto de vista do papel desempenhado nessa revolução que atingiu as publicações científicas, e na perspectiva

arqueológica do saber, quinze anos representam que a origem dessa iniciativa editorial remonta à “pré-história” da situação que hoje se vive de modo pleno. A rapidez da expansão das manifestações na internet, bem como do acesso, incluindo o que se faz por via comercial, ao ciberespaço, não pode encobrir o que foram os primeiros tempos, nos quais se insere a Mandruvá-Cemoroc.

Um dado curioso, quando se trata de estereótipos e falsas expectativas, é que a principal especialidade acadêmica de Lauand constituía-se, em então mais de duas décadas de trabalho na USP, nos temas de educação ligados à Filosofia Medieval. E Horta migrara da formação em Farmácia para a Filosofia da Educação, no mestrado e doutorado, com ênfase em Julián Marías. Além dessas características pessoais, e até por elas, o site da Mandruvá-Cemoroc contou, desde o início, com o apoio do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da FEUSP, como também do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP. Nesse sentido, é um projeto editorial essencialmente humanista, reunindo resultados de pesquisas desenvolvidas nas áreas de Filosofia e Educação, Estudos orientais, Antropologia filosófica, Literatura, entre outros.

Para possibilitar uma melhor comparação e perspectiva quanto ao tempo do surgimento da Mandruvá, um primeiro caso escolhido refere-se ao SciELO. Atualmente conhecido por todos os cientistas e com grande penetração internacional, o SciELO teve início pela mesma época que a Mandruvá, sendo um pouco mais “jovem”. As motivações envolvidas na criação do SciELO são assim descritas por Abel Laerte Packer e colaboradores (1998), envolvidos em sua proposta e organização como equipe executiva:

SciELO – Scientific Electronic Library Online — <http://www.scielo.br> — é uma biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico. Ela organiza e publica textos completos de revistas na Internet / Web, assim como produz e publica indicadores do seu uso e impacto. A biblioteca opera com a Metodologia SciELO, que é produto do Projeto para o Desenvolvimento de uma Metodologia para a Preparação, Armazenamento, Disseminação e Avaliação de Publicações Científicas em Formato Eletrônico, cuja primeira fase foi realizada entre fevereiro de 1997 e março de 1998. O projeto é o resultado de uma parceria entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e editores de revistas científicas, que, durante o seu desenvolvimento, recebeu o nome de Biblioteca Científica Eletrônica On-line, cuja sigla SciELO corresponde à sua versão em inglês. (PACKER et alii, p. 109)

Proposto a partir de dois níveis de parceira – um envolvendo as instituições que deram início ao projeto, buscando disseminar a publicação eletrônica entre os periódicos científicos e o outro envolvendo editores dos principais periódicos científicos -, o SciELO surge em meio à expansão e popularização do acesso à internet:

Na segunda metade dos anos 90, a publicação científica eletrônica passa a ser aceita universalmente como um fenômeno inexorável pela maioria dos atores do processo de comunicação científica. É também consenso que sua realização atravessa um período de transição entre o modelo baseado puramente no periódico impresso em papel e o predominantemente eletrônico. Essa transição não tem sido simples, e sua evolução tem e caracterizado por promessas e frustrações (Peek,

Hunter). Uma vasta literatura reflete essa transição (Bailey). (PACKER et alii, p.110)

O artigo de Packer e colaboradores, que constituíram a equipe executiva do SciELO (PACKER et alii, p.121) é uma fonte relevante para lembrar as dificuldades e desafios naquele tempo pioneiro, para assim compreender os impactos dessa tecnologia que, atualmente, é tão utilizada, quanto se tornou familiar, como se fosse “natural” nos procedimentos científicos. Por isso vale lembrar o tipo de questionamento que se enfrentava então:

Embora a publicação eletrônica seja considerada um fenômeno inexorável enquanto suporte, persistem questionamentos originados, em parte, de posições inflexíveis com relação ao funcionamento do modelo de periódicos em papel e, em parte, da constatação de que existem muitas indefinições e vazios nas propostas em gestação para a operação do modelo de periódicos em formato eletrônico (Lesk). Os mais recalcitrantes concentram-se nas vantagens, em termos de eficiência e comodidade, que se obtêm com a leitura de um artigo impresso em papel em relação ao exibido em um monitor. Como o artigo científico clássico em formato eletrônico pode sempre ser impresso em papel, esse argumento tem perdido força à medida que as cópias impressas por computador melhoram e o reconhecimento das vantagens aumenta por parte do público, sem contar com a possibilidade única de incluir a operação de som e vídeo nos artigos eletrônicos. (PACKER et alii, p. 111).

Observe-se que no caso da Mandruvá, desde a primeira edição, a publicação eletrônica foi sempre complementada por uma tiragem impressa em papel, garantindo tanto a inovação e a agilidade, quanto a tradição.

Outro aspecto que a equipe técnica do SciELO tratou e que tem ligação com a Mandruvá merece ser citada:

(...) o estabelecimento de conexões entre os registros bibliográficos e os respectivos textos completos agrega um novo valor tanto aos serviços de pesquisa bibliográfica quanto às publicações eletrônicas. Assim, os registros bibliográficos passam a proporcionar acesso imediato aos textos completos, do mesmo modo que estes incorporam conexões para os registros bibliográficos, a partir dos nomes de seus autores e das referências bibliográficas, por exemplo. Em conseqüência, o papel das bases de dados bibliográficos na promoção da visibilidade das publicações científicas tende a fortalecer-se e ampliar-se com a publicação eletrônica, ao constituir-se como componente que integra o acesso a vários produtos independentes de diferentes editoras. (PACKER et alii, p. 111).

Embora não seja um indexador, a Mandruvá-Cemoroc tem como uma de suas características não ser marcada por um “programa” fechado, do tipo dos grupos reunidos em torno de uma teoria, como antes mencionado sobre a obra de Kuhn. Com isso, nas suas publicações tem se tornado possível um entrelaçamento de autores de diferentes orientações teóricas e mesmo ideológicas. A abertura dos fundadores da Mandruvá é, nitidamente, guiada pela generosidade de, mesmo, incluir como

“responsáveis” pela iniciativa, muitos<sup>3</sup> que têm sido mais beneficiados pela possibilidade de colaboração, do que têm beneficiado os resultados finais, sempre marcados de modo determinante pela presença de Lauand e Horta.

Voltando ao aspecto da visibilidade, mencionada acima por Packer e colaboradores para o SciELO, o trabalho notável desenvolvido pela Mandruvá-CEMOROC serviu para entrelaçar pesquisadores brasileiros aos de diversos outros países. Nas parcerias internacionais estabelecidas pelos editores da Mandruvá, com a Universidade do Porto-IJI, Universidade Autônoma de Barcelona, Universidade Autônoma de Madrid, Universidade de Frankfurt, entre outras, tanto se dá de conviverem nas páginas de uma mesma revista artigos em português, em catalão ou em alemão, por exemplo, como pela identificação de temas correlatos, trazendo frutos inesperados, que mereceriam artigo à parte<sup>4</sup>.

Vale ainda destacar que o pioneirismo da iniciativa da Mandruvá-Cemoroc propiciou um grande número de associações com universidades de outros países, ampliando perspectivas e provocando novas propostas. Em conjunto com esse aspecto acadêmico, é prática de muitos dos autores que frequentam as páginas dos periódicos da Mandruvá escrever em linguagem acessível, propiciando uma democratização do acesso à informação acadêmica.

Ainda, a agilidade na publicação, que se deve ao meio eletrônico, mas, sobretudo, à atitude de Lauand e Horta, propiciou que muitas vezes as publicações da Mandruvá-Cemoroc tenham um caráter de documento, para além do seu papel de publicação científica<sup>5</sup>. Essa possibilidade vincula-se também a um tipo de atitude que escapa ao estilo de dominação, estudado por Kuhn, que reduz o ganho teórico a um grupo, ou seja, aquele que circula em torno de um pesquisador principal. Se for para analisar cada ampliação propiciada pela Mandruvá-Cemoroc, muitos artigos seriam necessários e extrapolam o escopo deste estudo.

---

<sup>3</sup> Com frequência esta pesquisadora que assina este artigo vê Jean Lauand referir-se a ela como “uma das fundadoras”, e por isso faz essa menção, com liberdade, não pretendendo desmerecer outros e outras colegas que venham, eventualmente, colaborando efetivamente no estilo “mangas arregaçadas” ou “mãos na massa” do esforço editorial, para além de oferecer artigos ou organizar números especiais, como esta pesquisadora tem feito, e que parece pouco, frente à obra notável de Jean e Sylvio.

<sup>4</sup> Em maio de 2012, esta pesquisadora estava em uma conferência realizada como cooperação entre a Universidade de Washington e a Universidade de Frankfurt (“Cluster on Normative Innovation at the University of Washington, in cooperation with the Cluster of Excellence on the Formation of Normative Orders at the Goethe University in Frankfurt, Germany”), quando se viu indagada por um dos pesquisadores alemães: “ - Você conhece o professor Jean Lauand?”. Deu-se conta, então, que o professor à sua frente, Andréas Niederberger, fora “colega de páginas” na revista *Convenit International*, na qual atuava, pelos idos de 2001, como editora por parte de uma das instituições colaboradoras, assim como o pesquisador-líder do grupo em que se formava Niederberger, o professor Matthias Lutz-Bachmann, o era pela Universidade de Frankfurt. Onze anos depois encontravam-se pessoalmente, por obra do professor Amós Nascimento, da Universidade de Washington, a quem a pesquisadora conhecera na Universidade Metodista de São Paulo, onde atua presentemente como coordenadora do PPGE, sendo o professor Lutz-Bachmann vice-reitor da Universidade de Frankfurt. Ali acertaram uma colaboração, que está em andamento. Ou seja, o contato por intermédio da publicação no passado, plantou uma semente que veio a florescer e ainda frutificará.

<sup>5</sup> Gostaria de citar aqui, agradecendo, a prontidão de Sylvio e Jean para publicar: (a) uma seção de uma revista em torno da Coalizão UNESCO de Cidades contra o Racismo, a Discriminação e a Xenofobia, em tempo recorde, que propiciou a divulgação do processo de criação da Coalizão em 2006, decorrência da Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação e Formas Contemporâneas e Correlatas de Racismo, da ONU, realizada em Durban em 2001; (b) um número da *Notandum Libro*, com uma merecida homenagem ao professor Herbert C. Kelman; (c) uma edição dedicada aos resultados de projeto de pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq e participação de colegas pesquisadores de 6 estados, de 5 regiões do Brasil, sobre ensino religioso em escolas públicas. Essas publicações têm cumprido um relevante papel, com sua divulgação e presença no nobre site da Mandruvá-Cemoroc, de fato um “hot-topos”.

## Considerações finais

Este artigo procurou trazer algumas reflexões ligadas ao tema do processo de produção de publicações científicas e discutir a possibilidade de uma abordagem arqueológica, à luz de um estudo de caso.

Relembrou a contribuição de Thomas Kuhn no que se refere à formação de grupos científicos, o papel do debate e a formação de paradigmas, indicando que, no caso da Mandruvá-Cemoroc, a abertura à ampla participação de linhas teóricas as mais variadas, de diferentes disciplinas e abordagens, disciplinares e interdisciplinares, constitui uma das riquezas do site, rompendo barreiras auto-impostas para valorizar o pensamento e o debate crítico.

Tratando da abordagem arqueológica proposta por Michel Foucault, procurou indicar possibilidades de fazer um estudo da produção de publicações científicas em que se possam identificar sítios arqueológicos (como o SciELO), artefatos (como as revistas), monumentos (como o conjunto das publicações e, por que não dizer, a mera existência da Mandruvá-Cemoroc), que permitam compreender melhor os processos que envolvem a produção da ciência e do saber.

Finalmente, procurou comprovar o papel inovador e verdadeiramente pioneiro da Mandruvá-Cemoroc, com a oferta de periódicos científicos na internet quando a comunidade científica mundial ainda debatia os ganhos e riscos (como se via então) desse tipo de iniciativa, que permitiu abertura de oportunidades para pesquisadores publicarem seus resultados de pesquisa, e para que o acesso a essas publicações seja mais democrático, ampliando o alcance e impacto dos periódicos, que podem, então, melhor cumprir o papel da ciência, bem comum que a todos e todas se destina.

## Referências

- ADORNO, Theodor et alii. *The authoritarian personality*. New York: Harper and Brothers, 1950.
- ALLPORT, Gordon Willard. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- FISCHMANN, Roseli. Ciência, tolerância e Estado laico, in *Ciência e cultura*, v. 60, no. spe1, p.42-50, jul. 2008.
- FISCHMANN, Roseli. Relevância da dimensão cultural na pesquisa educacional, in *ECCOS*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-56, jun. 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, 3a. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- KUHN, Thomas. *The structure of the scientific revolutions*, 4th ed.. 50th Anniversary Edition. With an introductory essay by Ian Hacking. Chicago/London: University of Chicago Press, 2012.
- PACKER, Abel Laerte et alii. SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica, in *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 109-121, maio/ago. 1998.

Recebido para publicação em 10-08-12; aceito em 12-09-12